

OZAN KOSE/AFP/GETTY



Asli Erdogan fotografada
em janeiro deste ano,
em Istambul

A canção da areia

Em agosto de 2016, um mês após o golpe militar falhado que levou a um endurecimento da repressão política na Turquia, a escritora Asli Erdogan foi detida pela polícia, por colaborar com o jornal pró-curdo “Ozgür Gündem”. Acusada de “propaganda a favor de uma organização terrorista” e de “atentado à integridade territorial do país”, levaram-na para uma prisão onde ficou 136 dias. Neste momento aguarda o julgamento em liberdade, mas com o passaporte retido, o que a impede de viajar para o estrangeiro. Sabendo isto, há qualquer coisa de assustadoramente premonitório no primeiro dos seus livros a conhecer edição portuguesa. Publicado em 2009, “O Edifício de Pedra” é um avassalador texto sobre uma prisão turca e o inferno a que descem as pessoas lá confinadas. Embora saibamos que se trata de um prédio de cinco andares, com um pátio rodeado de arame farpado, “para que ninguém possa deitar-se dali abaixo”, não há uma caracterização precisa nem da cidade, nem do tempo em que os factos decorrem, nem sequer da identidade das vítimas. É como se Asli quisesse contar a história de todos os que são vergados pelo “peso das sombras”, de todas as vítimas da repressão

cega de um poder autoritário. Um poder que se abateria também sobre ela, anos mais tarde. A narradora do livro é alguém que sobreviveu e se esforça por contar a história de um mártir, como quem vai tateando no escuro. Transportada de novo para a cela de granito (dois metros por dois), procura a entoação exata para a “canção da areia”, esse lampejo da realidade que acabará inevitavelmente por lhe fugir entre os dedos. Há nela a consciência da impossibilidade de captar a melodia capaz de dar sentido às palavras que se calam, mais do que falam. Por isso, a escrita interrompe-se, volta para trás, recomeça, detém-se, perde-se nos seus próprios labirintos, torna-se quase abstrata. Contra a escuridão absoluta, usa as armas da beleza. Mistura o horror com o lirismo. Desfaz a narrativa; converte-a num poema em prosa. E regressa sempre à morte de A., como se de cada vez pudesse compreender um pouco melhor tamanho sofrimento, um tão absurdo sacrifício.

Aquele homem quebrado, com uma cicatriz a dividir-lhe o rosto em dois, é uma paisagem de ruínas: “Flores vermelhas dos golpes que lhe juncavam o corpo, equimoses, queimaduras, nódos

negras densas como uma floresta profunda, vestígios do sangue derramado, secando como rosas selvagens.” Embora indigente, porque “impregnado do mundo como uma esponja embebe a água suja onde a mergulharam”, tem o fulgor dos anjos. É ele o centro em torno do qual o canto se constrói e dissipa, oscilando entre o mergulho nas trevas mais fundas e a perspectiva de um futuro diferente, que possa acolher um “sonho tecido de pura claridade”. Diz a narradora que a arte de contar uma história “é um pouco a de atizar o lume sem queimar os dedos”. Mas será isso possível na Turquia de hoje? As histórias que ardem têm sempre consequências. Asli Erdogan que o diga.

/ JOSÉ MÁRIO SILVA



★★★★★

O EDIFÍCIO DE PEDRA

Asli Erdogan

Clube do Autor, 2017, trad. de José Manuel Barata-Feyo, 120 págs., €14